

A PRESENÇA AFRICANA NOS FALARES NORDESTINOS

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal da Paraíba

“A influência lingüística do negro foi mais profunda que a dos índios”
Segismundo Spina

1. Introdução.

A influência da cultura negra, trazida ao Brasil pelos africanos, que para aqui vieram como escravos, não tem sido estudada e devidamente valorizada, na formação cultural do povo brasileiro.

Há dúvidas ainda hoje sobre o número de africanos que aportaram no Brasil, sua origem étnica e geográfica.

O fato de os negros terem vindo como escravos, logicamente pesou, e ainda pesa, para esta omissão e até mesmo descaso, como bem frisou Manuel Diegues Júnior:

“Essa situação de escravo, portanto, marca como traço fundamental e indispensável de ser assinalado a presença do negro africano no Brasil; a influência não foi do negro em si, mas do escravo e da escravidão, já observou Gilberto Freyre.”(1)

Convém ressaltar a afirmação de Gilberto Freyre:

“A formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra da África, absorvendo elementos por assim dizer de elite”(2)

dizendo com isto que, apesar de sua condição de escravos, foi todo um grupo de pessoas de classe sociocultural elevada que veio para o Brasil.

Poucos são os estudos e análises sobre a influência africana na cultura brasileira, a não ser em áreas específicas como a antropologia, a etnologia e, mais especificamente, o folclore, sobretudo em certas regiões do país, como a Bahia, por exemplo.

No tocante ao estudo dessa influência na Língua Portuguesa do Brasil, na maior parte das vezes, a análise restringe-se a rápidos tópicos na parte

introdutória da história da língua. A obra de Renato Mendonça dos anos trinta, apesar das polêmicas em torno de algumas de suas afirmações, é ainda hoje o trabalho mais consultado e citado sobre o assunto.

Assim, o Instituto de Língua Portuguesa lavra um tento e vem preencher parte dessa lacuna ao realizar o Simpósio da Língua Portuguesa em África e no Oriente, no ano em que se comemoram 300 anos da morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares

Nosso trabalho é uma tentativa de mostrar até onde permanecem na linguagem regional/ popular do Nordeste brasileiro as influências do africano, especialmente nos aspectos Fonético, Fonológico e Lexical.

2. A Cultura Negra e a Cultura Brasileira

Apesar da situação de escravidão, de submissão e mesmo de degradação a que foram submetidos os africanos no Brasil, as marcas de sua cultura estão bem visíveis e mesmo bastante fortalecidas na cultura brasileira de nossos dias.

A identidade cultural dos africanos que vieram para o Brasil era bastante diversificada, já que para aqui vieram de diferentes áreas lingüístico-culturais da África.

Os escravos não puderam manter essa identidade, porém conseguiram preservar e até mesmo sobrepor à cultura local alguns traços importantes de sua cultura.

No dizer de Diegues Júnior:

“Não puderam os escravos negros manter íntegra sua cultura, nem utilizar preferentemente suas técnicas em relação ao novo meio. Não foi possível aos negros revelarem todo o seu conjunto cultural ou porque, ao contacto com outros grupos, ou porque, como escravos, tiveram sua cultura deturpada. Daí os sincretismos e os processos transculturativos.”(3)

Ponto importante a lembrar, neste contexto, é que a influência africana se faz notar mais fortemente na cultura popular, talvez pela situação semelhante de “povo excluído”, vivida pelos negros da época e pela população pobre e inculca de hoje.

Contudo e apesar de tudo, a herança africana em nossa cultura permanece até hoje bastante forte em certas áreas, como na música, com destaque para a chamada “axé music”, oriunda da Bahia e que tomou conta do país, mesmo fora do período carnavalesco, em que a batida dos tambores do Olodum ultrapassou e mesmo superou o som da música das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, dos Blocos de Frevo de Pernambuco e do Forró Junino da Paraíba.

Apenas para ilustrar, podemos lembrar alguns dos traços da cultura africana que permanecem na cultura brasileira:

2.1. Religião

Ao chegarem ao Brasil as religiões africanas, quase que totalmente totêmicas, receberam influências do catolicismo, do espiritismo e de crenças indígenas, além de serem designadas de formas diversas, ou seja: candomblé, macumba, umbanda, tambor de mina, tambor crioulo, tambor de nagô, xangô e babaculê, entre outras denominações. Porém o nome genérico mais utilizado é o de Candomblé.

O Candomblé divide-se em “nações” tais como Angola, Moçambique, Nagô, Keto, Jeje, Ijexá, entre outras, que, aparentemente, têm relação com os países africanos de origem dos negros. Essas “nações” religiosas diferenciam-se quanto à forma de cultuar suas divindades.

O chamado sincretismo religioso surgiu devido à necessidade de o negro praticar sua religião sem ser perseguido pelo branco, misturando ou substituindo seus deuses por santos da religião Católica. Assim é que a orixá-mãe, Namã, equivale a Santa Ana, mãe da Virgem Maria; Ibeji, a São Cosme e Damião; Iansã, a Santa Bárbara; Iemanjá, a Nossa Senhora da Conceição.

Relacionadas à religião, temos influências em danças, músicas, instrumentos musicais e comidas que fazem parte do dia a dia do povo brasileiro, como é o caso do samba, do ijexá, do atabaque, do triângulo, do agogô, da cuíca, do berimbau, do acarajé, do abará e de muitos outros.

Há autores que afirmam que algumas das tradições religiosas, além do candomblé, também foram produzidas ou criadas pelos negros, como a devoção do Rosário, chamada Rosário dos Pretos, já que Nossa Senhora do Rosário é considerada a padroeira dos pretos e que se mantém até hoje em muitas partes do país, sendo uma das mais tradicionais a Festa do Rosário de Pombal, Paraíba.

Esse festa mistura o religioso com o profano, incluindo vários folguedos, como os Congos, os Negros dos Pontões e o Reisado.

2.2 Folguedos Populares

Na cultura popular tivemos uma gama enorme de influências africanas, uma vez que os escravos, para se distraírem e amenizarem as agruras da vida, usavam o canto, a dança e as representações artístico-culturais de seus países que se incorporaram e, ainda hoje permanecem em nossa cultura. Entre elas, podemos frisar:

a) Bumba-meu-Boi

O Bumba-meu-boi, também chamado Boi-bumbá, Boi-de-pano, Boi-de-mamão ou Boi-de-reis, dependendo da região onde é apresentado, é um folguedo do período natalino indo até o período do carnaval. O Bumba-meu-boi do Maranhão é um dos mais famosos do Brasil.

b) Congos

Os Congos, também chamados de Pretinhos do Congo, Congada ou Congado, são formados por grupos de homens, geralmente onze, em que se destacam três personagens: o rei, o secretário e o embaixador. Há um cortejo, um texto dramático, música, dança, trajes e adereços especiais.

c) Maracatu

Atualmente, são grupos carnavalescos pernambucanos, originados nos desfiles processionais africanos. Compreende o séquito real, acompanhado de um conjunto de percussão, com tambores, chocalhos e agogôs.

Muitos outros dos chamados folguedos populares de origem africana poderiam aqui ser citados, como o Reisado, os Negros dos Pontões, o Coco de Roda e as Cambindas.

2.3 Culinária

Pratos da cozinha africana fazem parte hoje da culinária brasileira, especialmente na região nordestina e nesta, a baiana é hoje famosa, com pratos típicos da “comida de santo”, como o caruru, abará, vatapá, acassá, muqueca e xinxim, entre outros.

3. Influências do Africano nos Falares Nordestinos

Os estudos sobre a importância do africano na formação da cultura brasileira se iniciaram no período imediatamente posterior à Abolição. Contudo, o estudo da influência das línguas africanas no Português tem sido insignificante face à sua importância.

Muitas são as causas dessa deficiência, mas, segundo Yeda Castro, isto se deve:

“... primordialmente, por uma falta de conhecimento daqueles povos africanos que foram introduzidos no Brasil para o trabalho escravo.”(4)

Essa falta de conhecimento por sua vez teria como causa:

“... a insuficiência de documentação histórica, de bibliotecas especializadas, de documentos linguísticos da época da escravidão...” (5)

Na formação da Língua Portuguesa do Brasil, o elemento africano aparece em terceiro lugar, depois de índio e do português, isto porque, segundo Antônio Houaiss:

“A política sistemática seguida pelo Brasil para com os negros foi, desde o século XVI, glotocida - isto é, matadora de suas línguas.” (6)

Os escravos negros tiveram, assim, que se adaptar à Língua Portuguesa por necessidade de comunicação e sobrevivência, porém essa adaptação e integração não marcaram a estrutura da Língua Portuguesa como era de se esperar, mas, como dis Houaiss:

“...as influências se confinaram à parte ‘aberta’ do português, quer dizer, ao léxico e - acaso - a certos elementos suprasegmentais...”(7)

Tratando dos fatores socioculturais, extralinguísticos, que influíram na formação da Língua Portuguesa do Brasil, Yeda Castro (8) diz que, de acordo com esse contexto, tivemos vários tipos de dialetos a que ela dá o nome de dialetos das senzalas, dialeto rural, dialeto das minas e dialetos urbanos, de acordo com o local e tipo de interação que os africanos tiveram com africanos lingüisticamente diferentes, com colonos portugueses e outros escravos, nas plantações e engenhos, nos contatos com os escravos vindos da Costa da Mina para a mineração e quando esses mesmos escravos ascendiam socialmente e iam para as cidades, respectivamente.

Apesar das dificuldades causadas, basicamente, por falta de documentação, da política “glotocida” e da influência apenas fonético-lexicais, acima referidas, vale ressaltar o destaque que Yeda Castro faz ao dizer:

“... pesquisa etnolingüística na ‘língua de santo’, no falar cotidiano do ‘povo de santo’, na linguagem popular da Bahia... aqueles africanismos léxicos e semânticos ultrapassam a casa dos cinco mil...”(9)

No que se refere à influência do africano nos falares regionais nordestinos, baseada em pesquisas próprias e comparando essas pesquisas com trabalhos de falares de outras regiões do país, concordamos com Houaiss quando afirma que as palavras não são regionais, mas incorporadas à Língua Portuguesa do Brasil como um todo.

Diz Houaiss:

“...é pouco verossímil que tenhamos palavras africanas regionais no Brasil.”(10)

A nosso ver, as influências fonético-fonológicas e lexicais das línguas africanas no Português do Brasil levam-nos a falar não em influências diatópicas ou regionais, mas em influências diastráticas ou sociais. Ou seja, são falares das classes não alfabetizadas ou semi-alfabetizadas que sofreram maior influência fonético-fonológica e léxica das línguas africanas, fato também indicado por Renato Mendonça, quando afirma:

“O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular”(11)

Porém concordamos com o Prof. Silvio Elia quando diz:

“...as propaladas influências das línguas africanas no Brasil, também ainda se acham no plano das conjecturas.”(12)

Vejam os aspectos desses aspectos:

3.1. Aspectos Fonético-Fonológicos

Muitos dos fatos fonético-fonológicos determinantes das variantes regionais e/ou sociais do Português do Brasil são atribuídos à influência do africano, embora alguns estudiosos coloquem dúvidas a essa origem, preferindo atribuí-las à evolução ou ao conservadorismo da própria língua portuguesa.

Seguindo o pensamento de Renato Mendonça e de seus seguidores e baseada no material do *Atlas Lingüístico da Paraíba*, do *Conto Popular na Paraíba*, de *A Linguagem Regional/Popular na Obra de José Lins do Rego*, de *Aspectos Sócio-Lingüístico-Culturais na Obra de José Américo de Almeida*, além de outras pesquisas sobre os falares regionais/ populares da Paraíba, que levamos a efeito, consideramos como influências do africano, os seguintes aspectos fonético-fonológicos do Português do Brasil:

3.1.1. Iotização do “lh” / λ/

“colher” [kuj’ é] “malha” [‘maja]

“O rapaz foi *agazciá* os animais” (RBM)

“Tudo há de *espaia-se...*” (DCP)

3.1.2. Semivocalização do / l /

“alta” [‘awta] “maldade” [maw ‘dadi]

3.1.3. Abertura das vogais pretônicas

“melodia” [melo ‘dia] “remelada” [he me ‘lada]

3.1.4. Nasalização das vogais orais que antecedem consoantes nasais

“canal” [kâ’naw] “gamela” [gâ’méla]

3.1.5. Assimilação

“registro” [he ‘si|tu]

“fui *arezistá* meu fi]” (ALPB)

3.1.6. Monotongação

“caixa” [‘ka ʎa] “deixar” [‘de|ah]

“... ói desocupe o *palaço*.” (UNC)

3.1.7. Apócope do l, r, e s finais

“sal”[‘sa] “casar”[ka’za] “costas”[‘koʃta]

“Bom dia, pedra, aqui já seráfaci d’eu encontrar uma moça pa casá? (UNC)

“Vai dá certo, se Deus quizé”(ALPB)

“Que dia mais ou *meno* nós *vamo*...”(DCP)

3.1.8. Aférese

“está”[‘ta] “estão”[‘tãw] “estava”[‘tava]

“...que *tão* ali no acero da estrada” (UNG)

“O homem andou, andou, andou, *maginando*...”(HMC)

3.1.9. Sincope do d no grupo nd

“passando” [pa’sãnu] “comendo” [ku’mênu]

“*Quereno* me dá a pataca...”(GV)

“*Quano* chegou adiante...”(UNC)

3.1.10 Suarabácti

“claro” [ki’laru] “flor”[fu’lo]

“A noite tava *quilara*...”(ALPB)

“A *fulô* qu’eu mais gasto é o cravo”(ALPB)

3.1.11. Dissimilação

“O *nego* tava danado de raiva”(ALPB)

3.1.12. Perda da Nasalização Final

“comeram” [ku’meru] “estavam”[i]’tava]

“...saiu numa *carruage*...”(UNC)

“Um casá eram jove, se *casaro*...”(BBP)

3.1.13. Metátese do r pós-vocálico

“*Pruquê* você num vai armoçar?”(UNC)

“O *vrido* da janela se quebrou.”(ALPB)

3.1.14. Lambdacismo

“...sou um véio que anda *piligrinano*” (BBP)

3.1.15. Rotacismo

“... e num gosto de *farsidaçê*.”(ALPB)

3.2. Aspectos Morfo-Sintáticos

3.2.1. Supressão da marca redundante de plural

“... *as fia ia* pra lá morar...”(UNC)

“Aí os *velho disse*...”(UNC)

3.2.2. Prótese do *s* e *m* na juntura de palavras na frase, agregando-se à palavra seguinte

“...em cima da besta e foi *simbora*.”(GV)

“Vou *mimbora*...(UNC), com a variante *umbora*. “Umbora armoçar”(UNC)

3.2.3. Repetição enfática da negativa

“*Não* sou camarada raposa *não*”(OR)

“- Isso *não* vale de *nada não*, mas eu vou ver.”(MAF)

3.2.4. Uso do *ele* acusativo

“Vi ele”

“Deixei ele”

3.3 Aspectos Léxicos

O vocabulário do Português do Brasil foi bastante enriquecido com termos e expressões das línguas africanas. Esses novos signos acrescentados ao léxico do português estão, em sua grande maioria, relacionados aos cultos afro-brasileiros, como bem diz Yeda Castro:

“Podemos então presumir que adeptos e membros dos cultos afro-brasileiros são os responsáveis não só pela preservação das palavras e expressões de origem africana no *corpus* linguístico dos candomblés, como também pela eventual ocorrência delas nos hábitos linguísticos da comunidade mais ampla de que eles fazem parte.”(13)

Temos, então, diferentes tipos de adaptações, transposições de sentido e empréstimos léxicos, semânticos e compostos, em que um termo é africano e o outro, português.

A título de exemplo, alguns vocábulos de origem africana, usados no dia a dia, especialmente no que se refere aos cultos africanos, suas comidas, seus instrumentos de trabalho:

Acarajé	Cachaça	Chuchu	Quiabo
Agogô	Cachimbo	Dengo	Quindim
Aluá	Cacimba	Engabelar	Quitute
Angu	Caçula	Exu	Samba
Atabaque	Cafuné	Fubá	Tanga
Babalorixá	Calunga	Inhame	Vatapá
Bangüê	Camumbembe	Jiló	
Banguela	Candomblé	Macambúzio	
Batuque	Canjica	Maribondo	
Bengala	Careca	Mocambo	
Berimbau	Carimbo	Muamba	
Búzio	Catimbó		

Vale ressaltar que autores regionalistas como José Américo de Almeida e José Lins do Rego, por exemplo, ao usarem a linguagem regional / popular em suas obras eruditas, empregaram termos e expressões de origem africana, como nos mostram os exemplos a seguir:

a) José Américo de Almeida:

“É hora *cambada!* “-corja, súcia, canalha - (AB p. 16)

“Não dê cabimento a *camumbembe*.”- homem de ínfima condição - (AB p. 16)

“Esse menino, você é tão *capiongo*: nem abre o bico” - triste, macambúzio - (AB p. 69)

“...passou-lhe a quenga de *caxixi*” - aguardente fraca, a última que corre do alambique - (AB p. 54)

“Mas, muita vez, a gente se *engabela* com a felpa” - enganar, iludir - (AB p.34)

“todo o *bangüê* rangia” - engenho de açúcar movido a força animal - (AB p. 52)

“Manejavam com essa única esperança: o toque do *búzio*: tum, tum” - espécie de corneta de concha retorcida (AB p. 19).

b) José Lins do Rego:

“E com um feitor como Nicolau, *bcnzeiro*, de iniciativa quase da mesma espécie da minha” - macambúzio, triste, adoentado - (BAN p. 209)

“As brancas deitadas, dando as cabeças para os *cafunés* e a cata dos piolhos” - ato de coçar levemente a cabeça de alguém, para fazê-lo adormecer - (MEN p. 159)

“O Paz e Amor esquecia os urubús, a *catinga* do cortume, os filhos magros, para cair no passo” - cheiro forte e desagradável - (MOL p. 153)

“Se D. Eufrásia estivesse em casa, teria havido *banzé*” - briga, rixa, barulho, tumulto (PED p 88)

“...tu está dizendo que esta véia mãe de Aparício é como *catimbozeira*? “- pessoa que pratica o catimbó - (CAN p.42)

“Ninguém dormiu no engenho, com o *zabumba* batendo.” - bombo, tambor grande, rústico, usado na música de couro ou cabaçal - (MEN p 136)

“Ela mesma ajudava a minha franqueza com os seus *dengues*, com as suas cavilações.” - manha, cuidados exagerados - (PUR p. 119)

Manuel Bandeira, ao fazer dedicatória de um livro para José Lins do Rego colocou:” Ao querido *malungo...*”, termo de origem africana que significa camarada, companheiro.

Quanto a Jorge Amado, não é necessário ressaltar a valorização dos termos africanos em suas obras, por serem, em sua maioria esmagadora, temas desenvolvidos na Bahia e ligados à cultura africana.

3.4. Outros Tipos de Influências

3.4.1. Formas de tratamento carinhosas

iôio, iaiá, sinhá, sinhô

“*Sinhá* Maria chegou e falou...”(ALPB)

3.4.2. Uso dos diminutivos, indicando afetividade ou intensidade

“...não quer comprar um *taquinho* de carne...”(ON)

“Quando foi de *tardezinha*...”(RM)

3.4.3 Repetição enfática de fonemas ou sílabas

nenem, babá, bumbum

Segundo Diegues Júnior:

“...o valor cultural mais forte da influência do africano no Português do Brasil foi o amolecimento da linguagem, o adoçamento na maneira de tratar.”(14)

“...os empréstimos africanos estão mais ou menos completamente integrados ao sistema do português segundo os níveis de linguagem sociocultural, enquanto o português do Portugal (arcaico e regional) foi ele próprio africanizado de certa maneira, pela fato de uma longa convivência.”(15)

4. Conclusão

O estudo da formação sócio e etnolinguística do Português do Brasil tem sido feito especialmente por autores que se dedicam ao Português Histórico ou à Filologia, sendo poucos os lingüistas fora dessa área que se preocupam com o assunto. Geralmente, esses estudiosos dão maior peso à influência das línguas indígenas, deixando sempre em segundo plano a influência africana no Português do Brasil.

As causas desses poucos estudos são as mais diversas possíveis e, infelizmente, algumas delas estão intimamente ligadas ao preconceito racial, ainda bastante forte em nosso país, aliando-se a isto a relativamente pouca bibliografia e documentação que registre, com precisão, o real papel da cultura africana na formação da cultura nacional brasileira, aí incluídos os aspectos lingüísticos.

Até hoje não se tem certeza, por exemplo, do número de escravos que vieram para o Brasil, bem como sua origem geográfica e as línguas e / ou dialetos que falavam.

Em face disto, eventos como este, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa, são da maior importância a fim de que novos estudos sejam apresentados, novas idéias discutidas e novos trabalhos publicados, para um melhor conhecimento e conseqüente valorização da influência do africano na Língua Portuguesa do Brasil.

NOTAS

- 1 - DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1976 p. 99.
- 2 - FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. Apud DIEGUES JÚNIOR, Manuel, Op. cit. pp. 99-100.
- 3 - DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Op. cit. p. 100.
- 4 - CASTRO, Yeda Pessoa de. “Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos”. In Mello, Linalda de A. (org) *Sociedade, Cultura e Língua: Ensaio de sócio e etnolinguística*. João Pessoa: SHORIN, 1990, p. 91.
- 5 - CASTRO, Yeda Pessoa de. Op. cit. p. 91
- 6 - HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Pequena enciclopédia da cultura brasileira. Rio de Janeiro, UNIBRADE, 1985, p. 71.

- 7 - CASTRO, Yeda Pessoa de. Op. cit. p. 100.
- 8 - CASTRO, Yeda Pessoa de. Op. cit. p. 107.
- 9 - CASTRO, Yeda Pessoa de. *Antropologia e lingüística nos estudos afro-brasileiros*. In *Afro-Ásia* 12 Salvador: UFBA. 1976, p. 214.
- 10 - HOUAISS, Antônio. Op. cit. pp. 82-83.
- 11 - MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*, 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973. p. 61.
- 12 - ELIA, Silvio. Portugiesisch: Brasilianisch (O português do Brasil) In: *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1994, V.VI,2, p. 565.
- 13 - CASTRO, Yeda Pessoa de. Op. cit. p. 17.
- 14 - DIEGUES Júnior. Op. cit. p. 17.
- 15 - CASTRO, Yeda Pessoa de. Op. cit. p. 109-110.

LEGENDAS DOS EXEMPLOS

AB	= <i>A Bagaceira</i>	DCP	= <i>Doutor Chico Preguiça</i>
BAN	= <i>Banguê</i>	UNC	= <i>A última novilha de cabra</i>
MEN	= <i>Menimo de Engenho</i>	HMC	= <i>O homem, a moça e a cachorrinha</i>
MOL	= <i>Moleque Ricardo</i>	GV	= <i>Gonçalo Valente</i>
ALPB	= <i>Atlas Linguístico da Paraíba</i>	BBP	= <i>Bucho, braço e pé</i>
MAF	= <i>O médico d'água fria</i>	ON	= <i>O negociante</i>
RDM	= <i>O rapaz que buliu com a moça e não pode casar com ela</i>	RM	= <i>O rei e a moça</i>

BIBLIOGRAFIA

- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. et MENEZES, Cleusa P.B. de. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB / CNPq, 1984, v. 1 e 2.
- ARAGÃO, M do Socorro Silva de. et al. *Glossário Aumentado e Comentado de A Bagaceira*, João Pessoa: A União, 1984.
- _____, *Linguagem Religiosa dos Cultos Afro-indígenas na Grande João Pessoa*. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1987.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. *A Linguagem Regional / Popular na Obra de José Lins do Rego*, João Pessoa: FUNESC, 1990.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. et al. *O Conto Popular na Paraíba: um estudo lingüístico-gramatical*. João Pessoa: UFPB, 1992.

- CACCIATORE, Olga G. *Dicionário de Cultos Afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia. In: *Afro-Ásia* 4 -5 : 23-33. Salvador. 1967.
- _____. Influências das línguas africanas no português do Brasil e níveis sócio-culturais da linguagem. In: *Educação* 25 Brasília: 1977, p 49-64.
- _____. Das línguas africanas ao português brasileiro. In: *Afro-Ásia* 14: 81-101. Salvador : UFBA, 1983.
- _____. Antropologia e lingüística nos estudos afro-brasileiros. In: *Afro-Ásia* 12: 211-227.
- _____. Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos. In MELLO, Linalda de A. (org) *Sociedade, Cultura e língua: Ensaio de sócio e etnolingüística*. João Pessoa: Shorin, 1990, p 91-113.
- CUNHA, A. Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Celso F. da. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- _____. *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e Cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1976.
- _____. Cultura e língua na formação brasileira. In MELLO, Linalda de A. (org) *Sociedade, cultura e língua: Ensaio de sócio e etnolingüística*. João Pessoa: Shorin, 1990, p. 15-27.
- ELIA, Silvio. *A Unidade Linguística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- _____. Portugiesisch: Brasilianisch (O português do Brasil). In: *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1994, V.VI, 2, p,565.
- HOLM, John. Creole influence on popular brazilian portuguese. In: GLENN, Gilbert (ed). *Pidgin and Creole Languages: Essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1987.
- HOUAISS, Antônio. *O Português no Brasil*. Pequena enciclopédia da cultura brasileira. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.
- MELLO, Linalda de A. (org) *Sociedade, Cultura e Língua*. Ensaio de sócio e etnolingüística. João Pessoa: Shorin, 1990.

MENDONÇA, Renato. *A Influência Africana no Português do Brasil*, 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

ROSSI, Nelson et al. *Atlas Prévio dos Falares Bahianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SILVEIRA BUENO, Francisco. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.

TEYSSIER, Paul. *Histoire de la Langue Portugaise*. Paris: PUF, 1980.
